



## **A REPATRIAÇÃO DO EXÍLIO**

### **Parte 1**

#### **1. A DEPORTAÇÃO DO REINO DO NORTE (ISRAEL)**

Os profetas Amós e Oseias haviam advertido Israel acerca do iminente julgamento divino. Apesar dos repetidos apelos à conversão, o Reino do Norte permaneceu na idolatria, na injustiça social e na infidelidade à Aliança. Como consequência, o Império Assírio invadiu o território israelita, destruindo progressivamente as cidades até chegar à capital, Samaria, que caiu em 722 a.C., após três anos de cerco (cf. 2Rs 17).

Parte da população fugiu para Jerusalém e acabou se misturando ao povo de Judá. A maioria, porém, foi deportada pelos assírios para outras regiões do império, perdendo aos poucos sua identidade nacional e religiosa. Em seguida, os assírios introduziram em Israel povos provenientes de diferentes regiões do império, com o objetivo de enfraquecer qualquer possibilidade de revolta nacionalista.

Da mistura entre os israelitas que permaneceram na terra e esses povos estrangeiros nasceram os samaritanos, grupo que mais tarde seria profundamente rejeitado pelos judeus.

Do ponto de vista teológico, o povo interpretou esses acontecimentos como consequência direta da infidelidade à Aliança.

## **2. O EXÍLIO DO REINO DO SUL (JUDÁ) E SUAS CONSEQUÊNCIAS**

Os mesmos pecados presentes no Reino do Norte também marcaram Judá: idolatria, corrupção, exploração dos pobres, mentira, hipocrisia e decadência moral. Assim como ocorrera em Israel sob Jeroboão II, também em Judá, especialmente durante o reinado de Ozias e de seus sucessores, formou-se uma elite enriquecida às custas da miséria do povo.

Os profetas advertiram Judá repetidas vezes, mas a conversão não aconteceu plenamente. Como consequência, Jerusalém caiu diante dos babilônios. Houve duas grandes deportações:

- em 598 a.C.;
- em 587 a.C., quando Jerusalém e o Templo foram destruídos.

O período do exílio durou aproximadamente de 598 até 538 a.C. Entretanto, o exílio na Babilônia não deve ser imaginado como uma repetição da escravidão do Egito. Os deportados não eram escravos submetidos a trabalhos forçados pesados, mas sobretudo membros da elite judaica: nobres, sacerdotes, escribas, comerciantes e pessoas instruídas. Muitos trabalhavam na administração do império babilônico, embora permanecessem privados da liberdade de retornar à sua terra e restaurar o Reino de Judá.

Enquanto isso, grande parte do povo simples procurou sobreviver emigrando para outras regiões, sobretudo para o Egito, onde surgiram importantes comunidades judaicas. Em Judá permaneceram principalmente os mais pobres, sem recursos para recomeçar a vida em outro lugar.

## **3. ALGUNS EFEITOS DO EXÍLIO**

### **3.1 Consequências teológicas**

O exílio provocou um profundo despertar espiritual no povo judeu. A provação levou ao arrependimento, à redescoberta da fidelidade a

Deus e ao fortalecimento da esperança. As profecias de Jeremias passaram a ser lidas e compreendidas de maneira nova. O livro de Ezequiel alimentava a esperança da restauração, especialmente através da visão dos ossos secos (cf. Ez 37). Entre as principais consequências teológicas do exílio, destacam-se:

**a) Consolidação do monoteísmo**

O povo compreendeu que YHWH não era apenas um Deus local ligado à terra de Judá, mas o Senhor de toda a história e de todas as nações.

**b) Surgimento do culto nas sinagogas**

Sem o Templo de Jerusalém, os judeus passaram a reunir-se em comunidades locais para rezar, cantar os salmos e meditar as Escrituras. Assim nasceram as sinagogas.

**c) Revalorização da Aliança**

Temas como pecado, conversão, perdão e fidelidade à Aliança tornaram-se centrais na espiritualidade judaica.

**d) Consciência de identidade**

Fortaleceu-se a convicção de que Israel era um povo escolhido, chamado a testemunhar o amor e a fidelidade de Deus diante das nações.

### **3.2 Consequências históricas e culturais**

Politicamente e geograficamente, o exílio marcou o início da Diáspora Judaica, isto é, a dispersão dos judeus pelo mundo. Esse fenômeno teria enorme importância séculos mais tarde para a expansão do cristianismo. Entre as consequências históricas mais importantes, pode-se citar:

**a) Preservação do povo judeu**

Enquanto muitos povos antigos desapareceram ao longo da história, os judeus conseguiram conservar sua identidade religiosa e cultural.

**b) Conservação do hebraico**

Embora o aramaico tenha se tornado a língua do cotidiano, o hebraico foi cuidadosamente preservado como língua religiosa e litúrgica.

### **c) Transformação da identidade nacional**

Os judeus deixaram de existir como um Estado independente, mas sobreviveram como comunidade de fé, realidade que permanece até hoje.

## **4. A REPATRIAÇÃO**

Muitas vezes imaginamos a volta do exílio como um grande êxodo coletivo semelhante à saída do Egito. Na realidade, isso não aconteceu.

A maioria dos judeus permaneceu nas regiões onde havia reconstruído a vida: Babilônia, Egito e diversas partes do Império Persa. Apenas alguns grupos retornaram para Jerusalém e Judá, sobretudo aqueles que enfrentavam dificuldades econômicas ou mantinham fortes vínculos afetivos e religiosos com a terra dos antepassados.

O retorno ocorreu de forma lenta e gradual. O historiador Donner descreve esse processo da seguinte maneira:

“O regresso dos exilados para Jerusalém e Judá não ocorreu já em 538 a.C, mas apenas nos anos 20 do séc. 6, sob Cambises ou talvez só sob Dario I. Isto é inteiramente compreensível. Os exilados não podiam, por assim dizer, partir da noite para o dia e atropeladamente. O desligamento da Babilônia, onde entrementes já se criava a terceira geração, tinha de ser feito com cautela. Havia negócios a realizar, vínculos a desfazer, dificuldades a resolver. Seguramente, o entusiasmo com o regresso manteve-se dentro de certos limites por parte de muitas pessoas que haviam se acostumado a viver ali. Por outro lado, às famílias que regressavam tinham de ser conferidas propriedades de terra na Palestina, se possível de acordo com a situação pré-exílica. Isso, sem dúvida, não era tão simples, pois a Palestina, durante o tempo do exílio, de modo algum fora uma terra baldia e desabitada, que se pudesse retomar, sem mais nem menos, como propriedade. Direitos antigos e novos tinham de ser comparados e ponderados, demandas antigas e novas tinham de ser consideradas. Para que isso acontecesse de maneira adequada e, na medida do possível, sem atritos, o grande rei persa – Cambises ou Dario I – nomeou um procurador especial: Zorobabel, de linhagem davídica, que,

segundo 1Cr 3,19, era neto de Joaquim. Obviamente, do lado persa não se tencionava restaurar a monarquia davídica em Jerusalém e Judá. Mas os persas eram suficientemente prudentes para não encarregar dessa missão delicada um funcionário persa ou babilônês, isto é, alguém que fosse estranho à terra e ao povo; serviram-se, antes, da autoridade moral da família davídica. Zorobabel recebeu plenos poderes do grande rei (Esd 6,6-10): de suas tarefas faziam parte a construção do templo e a reinserção dos exilados (Esd 2,2).” (DONNER, v. 2, 1997, p. 465-466)

A figura de Zorobabel foi, portanto, decisiva no processo de reorganização da vida judaica após o exílio. Embora os persas não desejassem restaurar politicamente a dinastia davídica, utilizaram a autoridade simbólica dessa linhagem para facilitar a reintegração dos exilados e a reconstrução religiosa de Jerusalém.

## **CONCLUSÃO**

O exílio babilônico foi uma das maiores crises da história de Israel. A destruição de Jerusalém e do Templo parecia significar o fim definitivo do povo escolhido. No entanto, justamente no sofrimento nasceu uma profunda renovação espiritual.

A experiência do exílio purificou a fé de Israel, fortaleceu o monoteísmo, consolidou a centralidade da Palavra de Deus e preparou o caminho para uma nova etapa da história da salvação.

A repatriação não representou simplesmente um retorno geográfico, mas sobretudo o início de uma reconstrução espiritual, religiosa e identitária do povo de Deus.

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi